

A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil

(Sexuality in the school environment: the vision of early childhood education teachers)

Cibele Pavani Rodrigues¹; Amanda Muglia Wechsler²

¹Graduação – Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP
cibele.pavani@hotmail.com

²Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP
amanda_wechsler@yahoo.com.br

Abstract. *The scientific studies that address the theme of sexuality in schools allege the need of children to acquire knowledge on the subject, in order to make minimal health risks and lessen the degree of vulnerability to which the same are exposed. However, from Pedagogy's point of view, it is necessary to reflect about the educator attitudes towards the relation student-sexuality. The objective of this study was to understand the views of 20 educators about sexuality in the school environment, through a structured questionnaire. The obtained data were analyzed descriptively, in the form of charts and graphs. The preparation of educators to deal with themes related to childhood sexuality, according to their developmental stage is discussed.*

Keywords. *sexuality; school environment; educator.*

Resumo. *Os estudos científicos que abordam a temática da sexualidade na escola alegam a necessidade das crianças adquirirem conhecimentos sobre o assunto, a fim de tornar mínimos os riscos de saúde e diminuir o grau de vulnerabilidade a que as mesmas estão expostas. Contudo, do ponto de vista da Pedagogia, é preciso refletir sobre a postura do educador frente à relação aluno-sexualidade. O objetivo do estudo foi conhecer as visões de 20 educadores acerca da sexualidade no ambiente escolar, através de um questionário estruturado. Os dados obtidos foram analisados de forma descritiva, sendo apresentados em forma de tabelas e gráficos. Discute-se sobre a preparação dos educadores para lidar com temas relacionados à sexualidade infantil, de forma apropriada ao seu estágio de desenvolvimento.*

Palavras-chave: *sexualidade; ambiente escolar; educador.*

1 Introdução

A sexualidade se faz presente em todo o desenvolvimento físico e psicológico dos indivíduos, manifestando-se desde o seu nascimento até o momento da sua morte. Assim sendo, a sexualidade vai além do ato sexual em si, pois se encontra marcada pela história, cultura e ciência, igualmente como os afetos e sentimentos de cada sujeito. Por se tratar de um tema de grande importância na vida dos indivíduos, constata-se que este assunto é pouco estudado, principalmente no que diz respeito às práticas educativas voltadas para sexualidade de crianças no ambiente escolar, pois esta é uma temática extremamente associada a preconceitos, tabus e crenças.

É esperado que a educação sexual nas instituições transmita a sexualidade a partir de um enfoque sociocultural, ampliando, deste modo, a percepção de mundo do aluno, ajudando-o a aprofundar e refletir sobre a forma como a sexualidade se apresenta em sua cultura. Ou seja, o aluno privilegiado com as informações recebidas poderá ter um entendimento melhor sobre o assunto, auxiliando-o na tomada de decisões e na reflexão sobre as questões relacionadas à sexualidade, podendo-se obter um comportamento mais adequado por parte dos estudantes.

No entanto, é importante que o educador amplie seus conhecimentos acerca do assunto, a fim de auxiliar os alunos que não possuem informações adequadas, respondendo às dúvidas de forma esclarecedora, respeitando a opinião de cada educando. Se o educador não for preparado e não possuir informações adequadas, poderá transportar seus valores, crenças e opiniões como verdades absolutas, não permitindo aos alunos a autonomia para desenvolver seu conhecimento.

Desse modo, este artigo tem como objetivo analisar os aspectos da sexualidade do ambiente escolar, investigando a concepção que os professores possuem sobre a temática a fim de contribuir com uma melhora na qualidade de vida dos alunos e uma maior conscientização em relação à sexualidade. Assim, poderemos ter futuros adultos psicologicamente mais saudáveis, exercendo a sua sexualidade de forma segura e responsável, além de prevenir questões como gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis, que ocorrem muitas vezes por falta de informação.

2 Relação Família e Escola no Processo de Orientação Sexual da Criança

Segundo Silveiras (2002), pesquisas atuais mostram que há evidências de que as crianças não entendem totalmente vários aspectos ligados à sexualidade a despeito de se envolverem em uma diversidade de condutas sexuais. Portanto, fornecer informações sexuais para as crianças, torna-as mais aptas para realizar decisões responsáveis no que diz respeito à sua própria conduta sexual.

Para ocorrer uma transformação nas atitudes das crianças em relação à sexualidade, é preciso levar em consideração o modo como a educação sexual é abordada, tanto com os familiares quanto com a escola. Os pais precisam tratar os assuntos mais individuais e profundos, já a escola deve trabalhar de maneira geral e superficial, tratando assuntos de cunho social e convívio entre ambos os sexos. Desta forma, pais e escola necessitam trabalhar em conjunto, de modo a auxiliar o enfrentamento das crianças ante tais questões (VILELAS JANEIRO, 2008).

Segundo Suplicy (1983), muitos pais acreditam que a educação sexual tem o sentido exclusivamente de se sentar e assistir a aulas de anatomia ou realizar discussões que abordam sobre os perigos da sexualidade. Este significado atribuído pelos pais é enganoso, pois a educação sexual acontece desde o nascimento da criança, aonde ela vai absorvendo informações de seu meio. Pode-se dizer que a maioria dos conhecimentos passados pelos pais são indiretos, ou seja, eles não tem conhecimento de que o fazem, e assim o sujeito constrói a sua percepção sobre a sexualidade (SUPLICY 1983).

Para Muller (2013), depois do nascimento da criança, os pais são os principais exemplos, tornando-se os primeiros e fundamentais educadores sexuais de seus filhos. O ambiente familiar deve ser um lugar aberto, por mais complexa que seja a conversa, em específico sobre temas tão tabus como a sexualidade, é de grande importância que os filhos sintam-se encorajados a conversar sobre o tema, trazendo seus dilemas, dúvidas e expectativas. O ambiente familiar precisa ser o porto seguro da criança, para que a mesma tenha um local para recorrer sempre que necessário. Para Ribeiro (2009), é fundamental que a família seja um ambiente de discussão e de desenvolvimento mútuos, sendo capazes de iniciar conversas, trocar experiências e resolver conflitos sem violência.

No início, quando surgiu à necessidade da temática ser discutida acreditava-se que os pais apresentavam resistências à orientação sexual no âmbito escolar, contudo sabe-se que atualmente os pais reivindicam a abordagem do tema, não só reconhecendo a sua importância para as crianças e jovens, como também a dificuldade encontrada em falar claramente a respeito do assunto em casa (BRASIL, 2000).

Desta forma, a escola teria como objetivo passar informações concretas a respeito da sexualidade e esclarecer as distorções aprendidas pelas crianças. É esperado que a educação sexual transmita a sexualidade a partir de um enfoque sociocultural, ampliando a percepção do mundo do aluno, e ajudando-o a aprofundar e refletir sobre suas opiniões (SUPLICY, 1983). Para Ribeiro (2009), só informar não basta, é preciso apresentar atitudes positivas em relação ao sexo, para que as crianças possam perceber a sexualidade como algo positivo.

As curiosidades das crianças sobre sexualidade são assuntos extremamente significativos, onde podem obter um conhecimento básico sobre as origens de cada um, criando um desejo de saber mais, e, assim, aparecem as suas dúvidas. Respostas para tais curiosidades colaboram para o esclarecimento, incentivando de forma positiva o desenvolvimento da criança ao longo da vida. Mas se ela não obtiver respostas apropriadas para as suas curiosidades, pode sentir ansiedade e tensão. A Instituição, portanto, deve oferecer um espaço que tenha a finalidade de esclarecer dúvidas, contribuindo para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem na aprendizagem dos conteúdos escolares transmitidos (BRASIL, 2000).

Para Muller (2013), uma educação sexual de qualidade é aquela que pode originar constantes reflexões sobre temas coletivos ou individuais. A escola deve ter uma visão aberta (ou ampla) sobre as experiências vividas pelos alunos, com a finalidade de desenvolver a busca de informações. É necessário que se reconheça que a sexualidade na educação é vinculada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, associando-se às diferentes dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto. Portanto, o trabalho da orientação sexual dentro das instituições é da promoção da saúde das crianças (BRASIL, 2000).

3 Professores Convivendo com a Sexualidade na Educação Infantil

Ao falar de sexualidade na educação infantil, o educador deverá estar atento a muitas questões, pois o assunto abrange muitos preconceitos, tabus e crenças. Além disso, a sexualidade é entendida como algo inerente ao ser humano, que se manifesta a partir do nascimento e vai até o momento da morte, apresentando diferentes formas, de acordo com cada etapa do desenvolvimento. Deste modo, a sexualidade infantil irá se desenvolver a partir dos primeiros dias de vida e irá se manifestar de maneiras diferentes em todo período da infância. Portanto, a sexualidade, assim como a inteligência, será construída desde as suas possibilidades pessoais até a sua interação com o meio social e cultural (BRASIL, 2000).

Segundo Silvaes (2002), determinados comportamentos começam a ser vistos em crianças com a faixa etária entre 3 a 5 anos, como: tirar roupa em público, brincadeiras sexuais com amigos de sala, masturbar-se por prazer, uso de termos vulgares mesmo sabendo os nomes corretos das partes do corpo e introduzir objetos nas aberturas do corpo. No entanto, para que a Orientação Sexual aconteça no ambiente escolar, é indispensável que os valores, dúvidas e questionamentos possam ser expressos por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir informações. Dessa forma, a criança conseguirá modificar e reafirmar pontos de vistas e princípios estabelecendo de modo significativo seu próprio código de valores (BRASIL, 2000).

A educação sexual nas instituições deve ser pautada no diálogo sobre o tema abordado, por meio de professores capacitados para exercer a tarefa formativa e informativa, com objetivo de transmitir às crianças informações biológicas corretas sobre a sexualidade, ao mesmo tempo em que acentua ao conceito do sexo ligado nos aspectos do afeto e do prazer (SUPLICY, 1983).

Deste modo o objetivo geral desta pesquisa é conhecer as visões dos educadores sobre a sexualidade no ambiente escolar. Quanto aos objetivos específicos, se pretende verificar a concepção sobre a sexualidade no ambiente escolar; identificar a postura do

educador frente à sexualidade e averiguar se os professores se acham capacitados a instruir os adolescentes.

4. MÉTODO

4.1 Participantes

Participaram da presente pesquisa 20 educadores entre 21 a 60 anos de idade que estavam no mínimo um ano efetivos em sala de aula da Educação Infantil (educando crianças de 3 a 4 anos).

4.2 Instrumento

Para essa coleta de dados foi empregado um questionário estruturado elaborado pelos pesquisadores, que continha 10 perguntas sobre compreensão do educador referente à sexualidade de seus alunos.

4.3 Procedimentos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário UNIFAFIBE. Os participantes assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, afirmando seu interesse em participar deste estudo. Os questionários foram entregues a cada educador, em envelopes lacrados. Foi estabelecido um prazo máximo de 10 dias para que os participantes retornassem os questionários preenchidos.

4.4 Resultados e discussão

Os dados obtidos com os da presente pesquisa, contendo informações sobre o sexo dos sujeitos, tipo de escola questionários foram analisados de forma descritiva e tabulados, de forma a melhorar a visualização dos resultados. Na Tabela 1, abaixo, são apresentados os dados demográficos dos participantes em que trabalham, faixa etária em que lecionam e, por último, a idade média da amostra.

Tabela 1 - Descrição da amostra: frequência absoluta e relativa, de acordo com sexo, idade, tipo de escola e faixa etária dos alunos que o participante atende.

Sexo				Tipo de escola				Faixa etária				Idade
Masculino		Feminino		Filantrópica		Municipal		3 anos		4 anos		Média
N	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	35,1 anos
1	5%	19	95%	4	20%	16	80%	12	60%	8	40%	

*n = Frequência absoluta

Verifica-se que 95% dos participantes desta pesquisa são do sexo feminino e apenas 5% do sexo masculino. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000), 93% de indivíduos que fazem cursos relacionados à Educação são do sexo feminino. Portanto, os resultados obtidos com esta pesquisa vão ao encontro dos dados do IBGE, pois se verificou que o sexo feminino é dominante nesta área.

Na Tabela 2, a seguir, se observa as respostas para as questões de número 1 a 7 presentes no trabalho, seguidas da porcentagem.

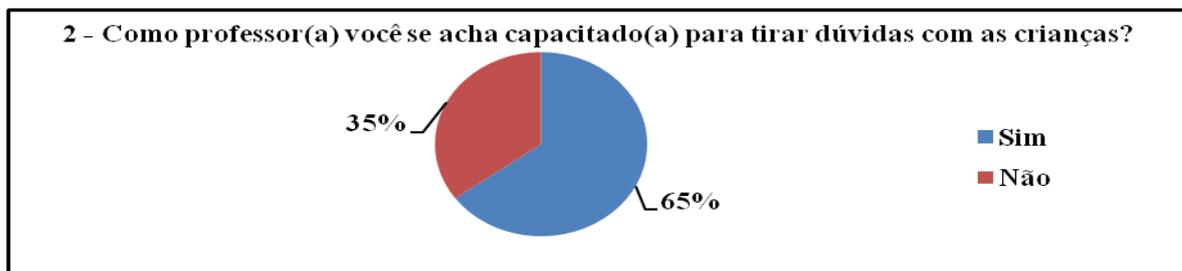
Tabela 2 - Frequência absoluta e relativa de respostas para cada pergunta do questionário

Número da questão	Sim		Não	
	N	%	N	%
1	14	70%	6	30%
2	13	65%	7	35%
3	11	55%	9	45%
4	6	30%	14	70%
5	8	40%	12	60%
6	2	10%	18	90%
7	18	90%	2	10%

Devido à relevância de algumas perguntas e seus resultados apresentados pelos participantes, foram selecionadas para maior discussão as perguntas 2, 5, 6, 8, 9 e 10 apresentadas em gráficos a seguir.

Com relação à pergunta 2, “Como professor (a), você se acha capacitado (a) para tirar dúvidas com as crianças?”, apresentada na Gráfico 1, abaixo, se nota a predominância da resposta “sim” (65%), apesar de uma grande parcela dos educadores não se considerar preparado para lidar com tais perguntas (35 %).

Gráfico 1 - Pergunta 2 - “Como professor(a) você se acha capacitado(a) para tirar dúvidas com as crianças?”

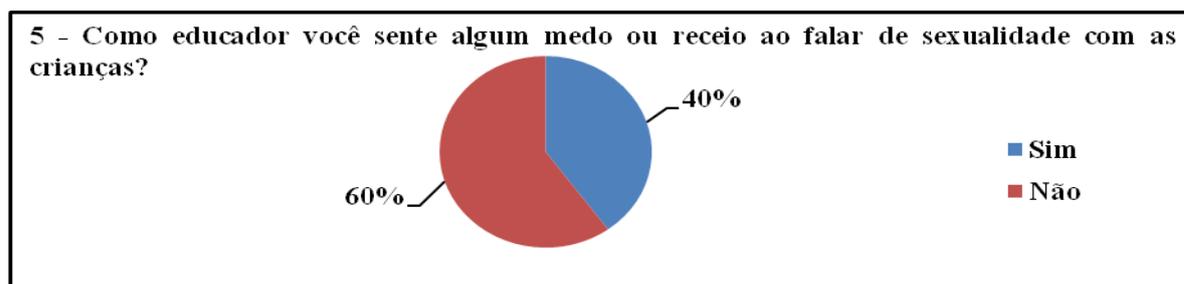


Segundo Maia et al. (2006), muitos educadores possuem dificuldades em orientar seus alunos que podem ser: por razões pessoais, falta de informações específica voltadas na área da sexualidade e até mesmo por falta de orientação e de recursos metodológicos que ajude o professor a compreender a realizar uma orientação sexual adequada. Porém, a formação destes profissionais ao se trabalhar com a temática é de grande importância para que se possa evitar a passagem de conceitos pessoais, preconceitos ou ideias inadequadas. Para o autor deve-se reconhecer a importância de se falar sobre o assunto dentro das instituições e afirmar que os professores necessitam de cursos de extensão, palestras, formações para em que se possa trabalhar com o tema, pois ao dialogar sobre sexualidade na Educação Infantil, permitirá às crianças obter informações adequadas a respeito das questões que se referem ao seu momento de desenvolvimento e às questões que o espaço coloca o indivíduo (NUNES, 2012). É indispensável que os profissionais da educação tenham acesso a uma formação específica para tratar de sexualidade com os alunos na instituição permitindo a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. (BRASIL, 1998a).

Segundo Maia et al. (2012) é indispensável a formação continuada dos educadores no campo da sexualidade, com a intenção de se organizarem de modo apropriado e com respaldo teórico para assumir a tarefa de orientação sexual no ambiente escolar.

No Gráfico 2, abaixo, constata-se as respostas para a pergunta 5, em que 60 % dos participantes não sentem medo ao falar de sexualidade com crianças e 40% sentem receio ao tocar no assunto.

GRÁFICO 2. Pergunta 5 - “Como educador você sente algum medo ou receio ao falar de sexualidade com as crianças?”



De acordo com Holanda et al. (2010), existem impedimentos para a efetivação de estratégias que garantam o desenvolvimento da sexualidade saudável, tais como a falta de preparo e insegurança para lidar com este tema, que é cercado de tabus e superstições, tanto por parte dos familiares como dos educadores. Ou seja, os indivíduos inseguros e que não possuem um preparo adequado acabam encontrando barreiras para auxiliar as crianças sobre o assunto. Quando se discute sobre os temas da sexualidade humana, é preciso que o instrutor possua atributos, como: sensibilidade, habilidade, aprendizado e atualização.

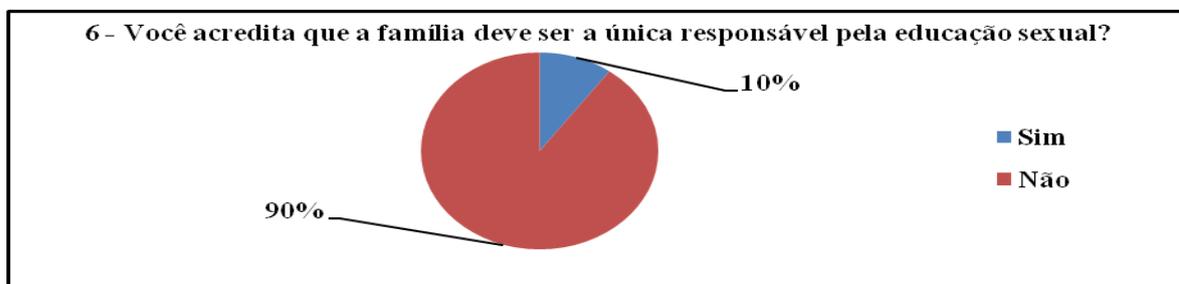
O educador deve estar organizado e disposto para lidar com valores, tabus e preconceitos, todavia permanece sem elementos apropriados relacionados à temática, portanto acaba oferecendo abordagens inteiramente biológicas para conservar o educador frente às crianças, e assim não deixar aparecer os próprios questionamentos, ansiedade e medos (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

Nunes (2012) discute que a educação sexual nas instituições apresenta desafios por parte dos profissionais da educação, observando-se que alguns educadores não debatem sobre o assunto com seus alunos. Entretanto existem educadores que conseguem apresentar e articular sobre o tema, e percebem a importância para o desenvolvimento das crianças (BRASIL, 2000).

O Gráfico 3 ilustra que 90 % dos professores afirmam que a família não deve ser a única responsável pela educação sexual das crianças e apenas 10 % acredita que a

família tem o papel de educar sexualmente as crianças sem apoio dos profissionais da educação.

GRÁFICO 3. Pergunta 6 - “Você acredita que a família deve ser a única responsável pela educação sexual?”

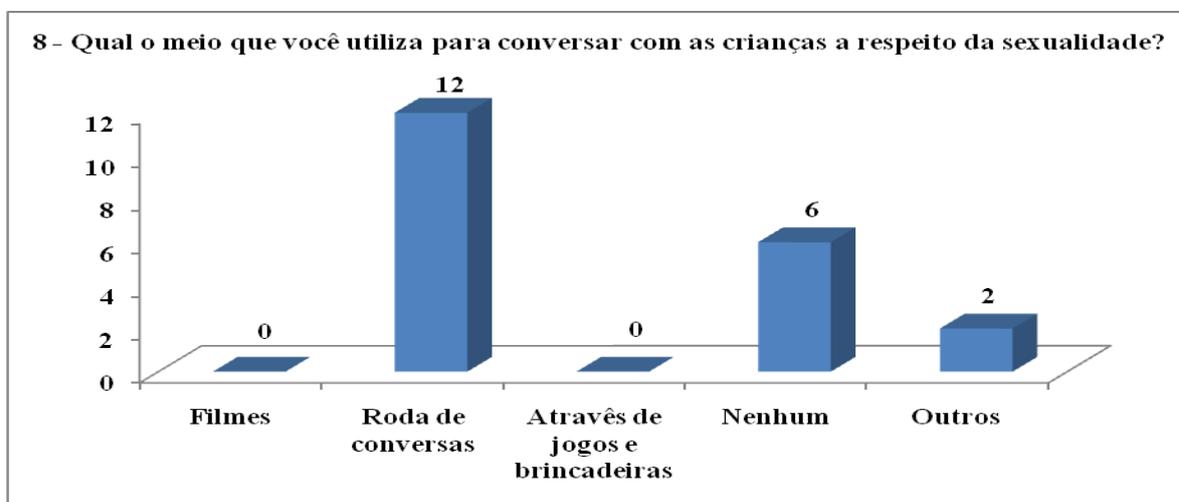


As famílias, em geral, educam sexualmente, mesmo não falando diretamente sobre o assunto (BRASIL, 2000). Contudo, pode-se afirmar que a escola é o lugar na qual a criança recebe com maior intensidade as noções sobre sexualidade. Portanto, o ambiente escolar assume uma função importante na educação sexual, tendo como papel a orientação de crianças nos aspectos afetivos e cognitivos (LIMA et al., 2010).

Desse modo, a educação sexual feita nas instituições poderá auxiliar as famílias e os educadores, promovendo prevenção de futuros problemas em relação a saúde, amadurecimento do indivíduo sem preconceitos e trauma, entre outras questões (LIMA et al., 2010). Percebe-se que a orientação sexual realizada nas instituições não substitui e nem concorre com a função da família, mas sim complementa.

O Gráfico 4, abaixo, demonstra as principais técnicas que os educadores utilizam para conversar sobre sexualidade com as crianças. Percebe-se que 60% dos participantes utilizam a Roda de Conversa para conversar com as crianças a respeito do tema e 30% dos educadores afirmam que não utilizam nenhum meio de comunicação referente ao tema.

Gráfico 4. Pergunta 8 – “Qual é o meio que você utiliza para conversar com as crianças a respeito da sexualidade?”



Segundo Ryckebusch (2011), a Roda da Conversa se tornou uma prática educativa essencial no desenvolvimento das crianças, sendo importante para a promoção da socialização, do desenvolvimento de afetividades, de construções de vínculos e de constituições de indivíduos críticos. A Roda da Conversa tem como finalidade a efetivação do diálogo, onde as crianças são convidadas a abordar diversos assuntos, sem intenções definidas, por parte de alunos e educadores com relação aos propósitos envolvidos na situação.

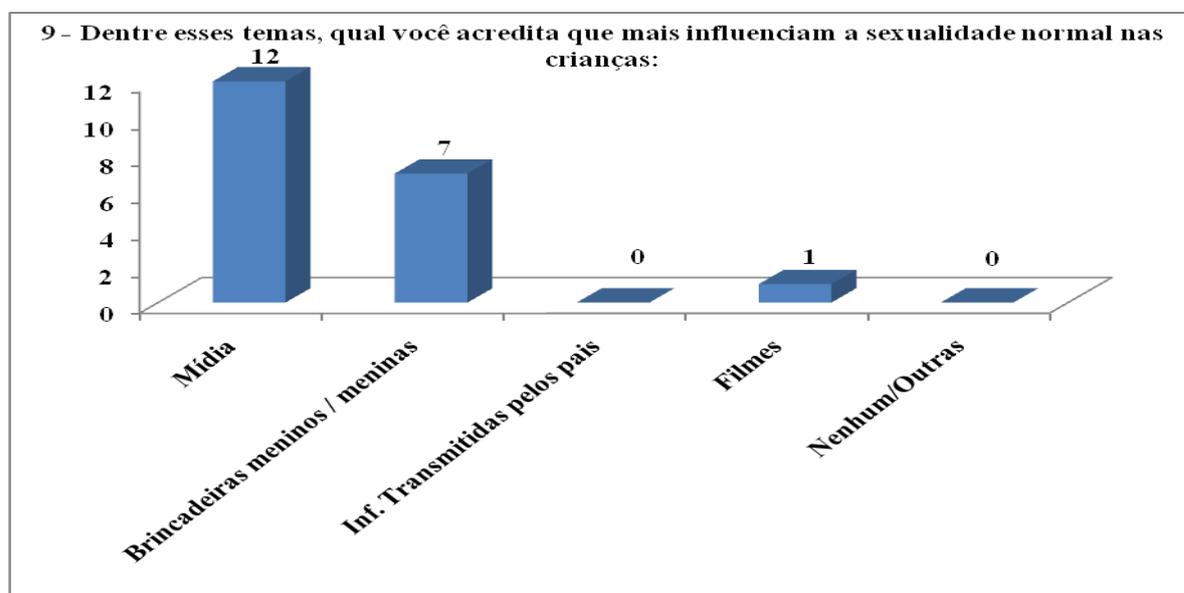
A Roda da Conversa é um espaço privilegiado para a troca de informações e intercâmbio de ideias. É um exercício cotidiano na qual as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, trocar experiências, perguntar, expor seus pensamentos, tirar suas dúvidas (BRASIL, 1998b). Portanto, cabe ao professor organizar e garantir os espaços de participação de seus alunos, elaborados a partir do exercício efetivo do diálogo, do respeito e da escuta (RYCKEBUSCH, 2011).

Uma preocupação que surge entre os professores é se existe uma série/idade adequada para se discutir sobre esses elementos, sendo que a escola e o ambiente social observam a criança como um indivíduo assexuado e inocente. Conseqüentemente surge à crença de que caso o educador discuta sobre sexualidade com esta população, poderá despertar prematuramente comportamentos inadequados por parte delas (entendendo

a sexualidade como ato sexual), ou seja, acreditam que a informação pode estimulá-los a ter experiências sexuais (RIBEIRO; SOUZA; SOUZA, 2004). Essa é uma discussão complexa, que divide os professores em dois grupos: o primeiro acha que a abordagem do tema na escola pode estimular a sexualidade antes da idade adequada, já o segundo grupo concorda que a discussão sobre o tema é importante, auxiliando as crianças em algumas questões, como aspectos de cuidado de si, as identidades sexuais, representações de gênero, entre outras questões (RIBEIRO; SOUZA; SOUZA, 2004). No entanto, é importante considerar que o educador é responsável por ativar a reflexão da vivência, sendo ele um sujeito participante da construção do conhecimento da criança, sendo que o ambiente escolar tem a função de estimular o desenvolvimento deste indivíduo como cidadão (PEREIRA, 2011).

Com relação às influências na sexualidade infantil, o Gráfico 5, abaixo, demonstra que os educadores acreditam que os principais influenciadores da sexualidade nas crianças, são: a mídia (60% de respostas) e as brincadeiras que envolvem meninos e meninas (35%).

Gráfico 5. Pergunta 9 – “Dentre estes temas, qual você acredita que mais influenciam a sexualidade normal nas crianças”



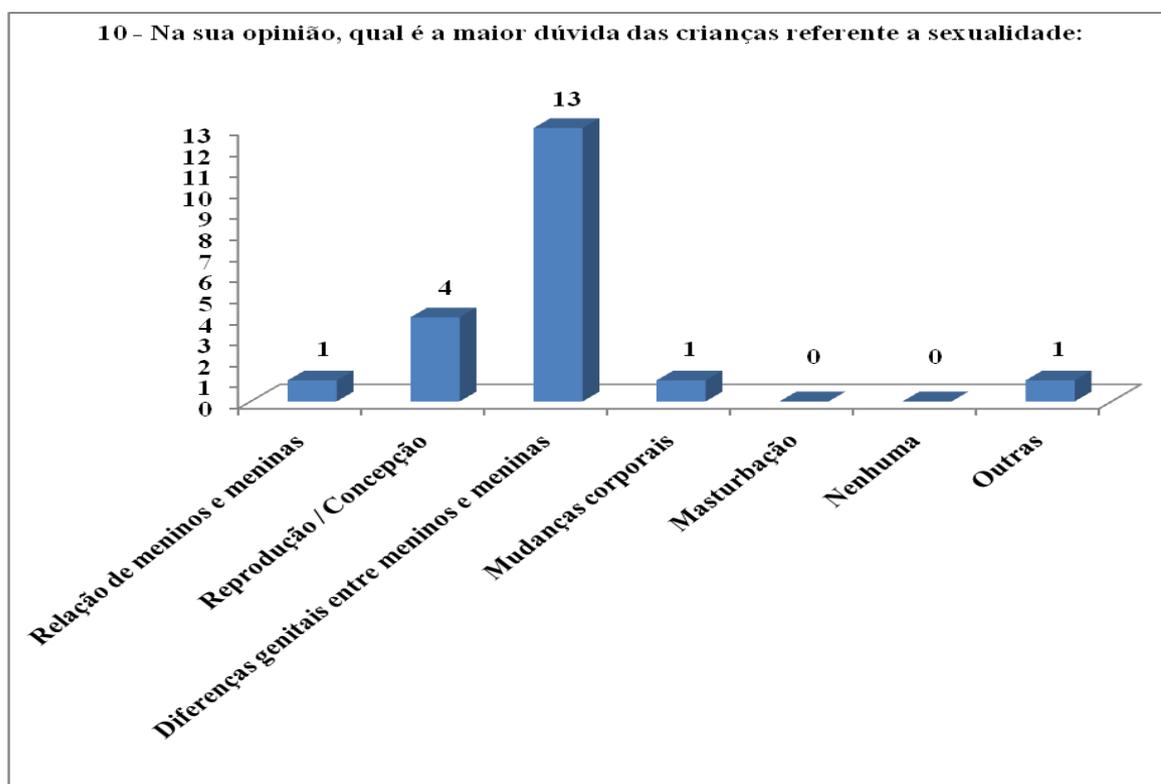
Existem outras fontes, além da família e escola, que igualmente influenciam a vida das crianças diante a sua sexualidade, tais como: livros, sujeitos não pertencentes a sua

família, e especialmente nos dias atuais, os meios de comunicação social. Pode-se constatar que muitas crianças detêm informações sexuais com embasamento na mídia, não possuindo capacidade de entender por completo o significado das mensagens fazendo com que estabeleçam ideias e conceitos equivocados, criando fantasias sobre o tema, que são levados para dentro da escola, e cabe a instituição ampliar a ação crítica, reflexiva e educativa deste aluno (BRASIL, 2000).

A mídia assume um papel que altera as visões e comportamentos referentes à sexualidade, vinculando imagens eróticas que estimulam as crianças a apresentar comportamentos inadequados. Pode-se constatar que as campanhas educativas nem sempre são apropriadas a esse público, onde se percebe ainda uma grande quantidade de condutas moralizantes e preconceituosas (BRASIL, 1998a).

Por último, se constata no Gráfico 6 que 65% dos participantes desta pesquisa apontam que as maiores dúvidas das crianças são as diferenças genitais entre meninas e meninos. Logo após, com 20%, foi apontada a Reprodução/ Concepção e com 5 % a relação de meninos e meninas, mudanças corporais/ aspectos físicos e outras.

Gráfico 6. Pergunta 10 – “Na sua opinião, qual é a maior dúvida das crianças referente a sexualidade?”



De acordo com Suplicy (1985), as perguntas sobre as diferenças genitais entre meninos e meninas e as comparações feitas pelas crianças devem ser respondidas de forma simples, sendo modificadas de acordo com o crescimento da criança.

Nos ciclos iniciais (idades mais precoces), a manipulação curiosa e prazerosa das diferenças genitais é frequente, e sua intervenção deve-se dar de modo a apontar a inconformidade de determinados comportamentos às normas do convívio educacional, não cabendo a reprovação ou aprovação dessas atitudes, mas sim, contextualizá-las (BRASIL, 1998a).

5 Considerações Finais

Por meio das análises realizadas, constata-se que a sexualidade está presente no contexto escolar, e o educador deve estar preparado para lidar com essas questões, evitando opiniões pessoais e reconhecendo a importância de se falar sobre o assunto dentro das instituições. Para isso, os profissionais da educação precisam de capacitações para obter informações a respeito do tema e como lidar com eles de forma adequada em cada etapa do desenvolvimento infantil.

Na instituição, a orientação sexual deve ser atribuída a educadores devidamente capacitados e preparados para esta função, respondendo às dúvidas que as crianças apresentarem. Devido às transformações corporais e mentais da criança, é necessário o acompanhamento e orientação adequados para a sua formação integral como indivíduo.

A relação da família e da escola no processo de orientação sexual da criança é de grande importância, pois a família é o primeiro lugar que a criança obtém as primeiras informações, sejam elas indiretas ou diretas, e a escola terá o papel de ensinar e desfazer as distorções aprendidas seja por meio da família ou por outros meios.

Estudos sobre a educação sexual, principalmente voltada para professores da Educação Infantil, são contribuições que podem enriquecer a atuação de profissionais beneficiando-lhes com uma melhor preparação e, conseqüentemente, fazendo com que as crianças estejam mais bem orientadas sobre a sexualidade. Desse modo, quanto mais se falar e questionar sobre o tema, mais conscientização será propiciada; esclarecendo

inclusive os preconceitos e tabus dentro da própria cultura em que a criança está inserida, e conservando a constituição da cidadania destes indivíduos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual*. 2.ed. Brasília, 2000. v. 10, p. 112-128.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

_____. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998b. v. 3.

HOLANDA, M. L. et al. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. *Cogitare Enfermagem*, v. 15, n. 4, p. 702-708, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: < ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Educacao_e_Deslocamento/censo_educacao_e_deslocamento.pdf >. Acesso em: 15 out. 2013.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 59, n. 2, p. 157-162, mar./abr. 2006.

LIMA, A. A. et al. Educação sexual infantil: interação entre a família e a escola como um fator determinante para uma educação eficaz. *Pedagogia em Ação*, v.2, n.1, p. 1-103, fev./jun. 2010.

MAIA, A. C. B. et al. Orientação sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil. *Minesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 107-123, 2006.

MULLER, L. *Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais*. São Paulo: Academia do Livro, 2013.

NUNES, J. L. *Oficina de capacitação: espaços para discussão sobre sexualidade e gênero*. 2012. Monografia (Curso de Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012. Disponível em: < http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/JULIANA_LEANDRIN.PDF >. Acesso em: 17 out. 2013.

PEREIRA, L. D. M. *Sexualidade: a abordagem nos livros didáticos do ensino fundamental*. 2011. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade de Brasília,

Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 1 (1): 89-104, 2014.

Brasília, 2011. Disponível em:<<http://bdm.bce.unb.br/handle/10483/1723>> Acesso em: 17 out. 2013.

RIBEIRO, M. *Conversando com seu filho sobre sexo*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2009.

RIBEIRO, P. R. C.; SOUZA, N. G. S.; SOUZA, D. O. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 109-129, 2004.

RYCKEBUSCH, C. G. *A roda de conversa na educação infantil: uma abordagem crítico-colaborativa na produção de conhecimento*. 2011. 238f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em:<http://www4.pucsp.br/pos/lael/docs/tese_final.pdf>. Acesso: 23 out. 2013

SILVARES, E. F. M. Orientação sexual da criança. In: BRANDÃO, M.Z.S.; CONTE, F. C. S.; MEZZARROBA, S. M. B (Orgs.). *Comportamento humano: tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor*. Santo André: ESETec Editores Associados, 2002. p. 111-120.

SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

VILELAS JANEIRO, J. M. S. Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola? *Revista Gaúcha Enfermagem*, Porto Alegre, v. 29, n. 3, p. 382-390, 2008.